



A VERDADE E O SEXO: BAREBACKING SEX E PARRHESIA NA MÍDIA BRASILEIRA

Paulo Sergio Rodrigues de Paula¹
Mara Coelho de Souza Lago²

Resumo: *Barebacking sex* é um termo utilizado amplamente pela mídia (impressa e virtual) para designar a prática sexual anal sem o uso do preservativo; já *parrhesia* normalmente é traduzida do inglês por liberdade de expressão ou o dizer verdadeiro. Aparece pela primeira vez na literatura grega em Eurípedes, ocorrendo em todo mundo grego antigo a partir do final do quinto século a.C. No presente trabalho buscamos discutir relação entre o fenômeno barebacking sex e a noção de *parrhesia* no espaço midiático contemporâneo e suas implicações, a partir de referenciais Foucaultianos. Como documento de análise, utilizamos a primeira entrevista concedida no Brasil por um barebacker assumido, que revela publicamente sua identidade.

Palavras-chave: Barebacking sex, parrhesia, mídia.

Introdução

Barebacking sex é um termo de origem inglesa que denomina um estilo de montaria de cavalo onde o *cowboy* não usa sela e tem sido utilizado para designar a prática sexual anal desprotegida, ou seja, sem o uso do preservativo. De acordo com Michel Shernoff (2005) a primeira vez que o termo barebacking apareceu com esta definição foi em 1997, na revista POZ Magazine, em um artigo de Stephen Gerdin, intitulado “My Turn: Riding Bareback”, no qual narrava à emoção de praticar sexo anal sem preservativo com outros homens HIV positivo.

Além de o termo ser popularmente usado (nos Estados Unidos) para descrever sexo sem camisinha, ele também é empregado para descrever a pequena subcultura de

¹ Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH)/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: sergiorodrigues@gmail.com
institucional. E-mail.

² Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH)/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: maralago7@gmail.com

homens que freqüentam festas, clubes de sexo, saunas, dark-rooms, web sites e que adotam identidades focadas na emoção de fazer sexo sem preservativo.

Dentro dessa variedade de definições, pode-se caracterizar o barebacking sex como o envolvimento intencional, deliberado, voluntário e consciente, em práticas sexuais sem o uso do preservativo, entre homens gays, com o risco de contrair o vírus HIV. É importante destacar a intencionalidade na prática bareback porque antes da descoberta do HIV/AIDS, no início dos anos 80, não existia uma distinção entre sexo com ou sem preservativos, ou seja, apesar de toda polêmica que envolve o tema, o que existe de novo é o caráter intencional (voluntário e consciente) de participar de uma prática que envolve risco e prazer sexual.

Desse modo, o barebacking como uma prática sexual reivindicada tornou-se cada vez mais comum entre homossexuais americanos e europeus, mesmo não sendo restrita a indivíduos homossexuais. Junto a esta reivindicação surgiram novos termos e códigos relacionados à prática, como *Barebacking Parties*: festas de sexo onde não é permitido o uso do preservativo; *All positive barebacking parties*: todos na festa são positivos; *All negative parties*: todos na festa são negativos; *Conversion Parties*: festa onde HIV negativos, desejam se infectar com o vírus HIV e tornarem-se positivos; *Russian Roulette Parties*: festas mistas, com sujeitos HIV positivos e HIV negativos, onde não se sabe quem é positivo ou negativo.

No bojo dessas diferentes festas, uma variedade de termos vinculados ao barebacking, vem sendo difundidos: *Bug chasers*: caçadores do vírus, homens dispostos a correr o risco de infectarem com HIV; *The Gift*: o presente, o vírus HIV; *Bug brothers*: grupo de homens soropositivos; *Charged cum ou poz cum*: Sêmen de homem HIV positivo; *Fuck of death*; foda da morte, intercuro sexual onde ocorre à infecção pelo HIV (Sowadsky, 1999).

Devido à relação direta com o risco de morte, o barebacking sex praticado por homens gays é controverso dentro e fora da comunidade gay. Alguns condenam o barebacking e barebackers porque acreditam que a prática tem causado infecção entre jovens e sua divulgação traz uma publicidade negativa para a comunidade homossexual. Outros o condenam por acharem que seus praticantes são promíscuos e irresponsáveis.

A parrhesia e o dizer verdadeiro

A palavra “parrhesia” normalmente é traduzida em inglês pela liberdade de expressão. Segundo Michel Foucault (1985) a palavra parrhesia “aparece pela primeira

vez na literatura grega em Eurípedes e ocorre em todo mundo grego antigo através de cartas a partir do final do quinto século a.C.”.

Entretanto, ao longo da história o significado da palavra passa por evoluções, de modo que o *parrhesiates* passa a ser a pessoa que utiliza de parrhesia: é alguém que diz tudo que tem em mente. Porém não basta dizer a verdade para que o sujeito seja considerado um parrhesiasta, isso implica dizer que existe uma diferença entre dizer tudo, sem qualificação e cometer parrhesia.

Assim sendo, para que ocorra parrhesia é necessária a existência de uma coincidência exata entre a crença e a verdade; deve haver a prova de sinceridade que é a verdade, sendo esta coragem relacionada ao risco ou perigo de se dizer a verdade (Foucault, 1985).

Nos cursos de 10 de março de 1982 e de 1º de fevereiro de 1984, Foucault trata da separação que deve ser feita entre parrhesia e retórica, ou seja, a oposição entre o “dizer verdadeiro” do parrhesiasta ao “bem dizer” do retórico:

“[...] a parrhesia estabelece como principal a separação do verdadeiro e do falso, enquanto a retórica se concentra na maneira de dizer e não tanto na verdade do dito [...] a parrhesia supõe uma adesão do falante e seu enunciado; trata-se de enunciar uma verdade que constitui uma convicção pessoal, ao passo que o problema do retórico não é acreditar, mas fazer acreditar [...] a parrhesia supõe coragem, porque se trata quase sempre de uma verdade que pode ferir o outro e que assume o risco de uma reação negativa da parte dele, ao passo que a retórica, bem o sabemos, busca bajular o outro, torná-lo dependente de um discurso mentiroso” (GROS, 2004, p.157).

Ainda de acordo com Frédéric Gros (2004), Michel Foucault constata a existência de quatro grandes modalidades de dizer verdadeiro na cultura antiga (curso de 1º de fevereiro de 1984), sendo elas:

“Uma modalidade profética, pela qual o discurso verdadeiro do oráculo opera uma mediação entre homens e os deuses [...] Uma modalidade sabedoria, pela qual o discurso verdadeiro sustentado por um sábio que viva em um retiro essencial liberta o ser necessário das coisas do mundo... uma modalidade técnica, pela qual se trata de transmitir seus conhecimentos positivos [...] A última modalidade é a de parrhesia que se opõe a todas as outras: o parrhesiasta fala em seu próprio nome e seu discurso refere-se a uma situação atual, singular. Seu lugar natural é praça pública e ele, por fim, leva a relação com o outro à extrema tensão da ruptura possível”. (GROS, 2004, p. 157-158).

Desse modo, a parrhesia não diz respeito à eficácia do discurso; a verdade nada tem a ver com as estratégias que o indivíduo tem para dizer a verdade. O mais importante é aquilo que diz respeito ao próprio sujeito falando, constituindo-se como sujeito na relação do que ele diz com ele mesmo, ou seja, deve-se ter um compromisso com o ato de enunciação; um compromisso dele mesmo com aquilo que está sendo dito e, além disso, um comprometimento com os efeitos daquilo que foi dito.

Em relação ao risco é importante ressaltar que não é efetivamente o fato do risco que vai definir se um sujeito cometeu ou não a parrhesia e sim o fato de ao dizer, correr o risco, ou seja, não é o risco e sim a atitude de aceitar correr o risco pelo ato de enunciar.

Para completar, é fundamental pensar a parrhesia como uma estrutura dramática, ou seja, a parrhesia é uma cena pública, aberta, onde é necessário colocar o enunciado numa situação em que seja possível ver quem se relaciona com quem e de que modo se relaciona, num cenário que demanda para que tudo que ocorrer nesta cena seja visível. Nas palavras de Gros “a parrhesia é uma tomada da palavra pública ordenada à exigência de verdade que, de um lado exprime a convicção pessoal daquele que a mantém e, e outro, gera para ele um risco, o perigo de uma reação violenta do destinatário” (Gros, 2004, p.158).

Porém, o autor resalta que esta abordagem serve como definição, mas deve ser substituída por uma análise histórica, estruturada por Michel Foucault em quatro grandes momentos históricos: o político, o socrático, o helenístico e a parrhesia cínica, sendo esta última a que me deterei mais adiante por considerá-la mais adequada a proposta desta análise.

Para Foucault (2006) o fundamento da parrhesia está na adequação “entre o sujeito que fala e diz a verdade e o sujeito que se conduz como esta verdade requer”, e esta adequação seria a responsável por conferir:

“[...] o direito e a possibilidade de falar fora das formas recomendadas e tradicionais, de falar independentemente dos recursos da retórica que, se preciso for, podem ser utilizados para facilitar a recepção daquilo que se diz”. (FOUCAULT, 2006, p.491-492).

Ou ainda:

“[...] O sujeito que fala se compromete. No mesmo momento em que diz “eu digo a verdade”, compromete-se a fazer o que diz e a ser sujeito de uma conduta, uma conduta que obedece a ponto por ponto á verdade por ele formulada. É neste sentido que não pode haver ensinamento da verdade sem um exemplum. Não pode haver ensinamento da verdade sem que aquele que diz a verdade dê o exemplo desta verdade [...]”. (FOUCAULT, 2006, p.492)

A partir destas colocações eu pergunto: podemos considerar como parrhesiasta um sujeito que assume publicamente ser um praticante de barebacking?

Ricardo Rocha Aguiéiras, 47 anos, escritor, homossexual, soronegativo e um dos membros fundadores do Grupo Pella Vida São Paulo, a maior e mais importante ONG de apoio e prevenção a AIDS na América latina, assume numa entrevista ao Jornal

Último Segundo do Portal IG que é praticante de bareback e defende que as pessoas tenham liberdade para escolher entre usar ou não camisinha:

“Quero deixar claro que não defendo deixar de usar camisinha. O que defendo é que as pessoas possam escolher se querem ou não usar camisinha. Quem acha que tem que transar com camisinha, que use. Dou ate as minhas, que ganho as dezenas nas saunas e nas boates, como se as pessoas que freqüentam esses lugares não já fossem suficientemente informadas e não tivessem grana para comprar a sua na farmácia... Mas penso que temos de ter o direito de escolher os riscos que a gente quer correr para sermos felizes. Uns escolhem corrida de automóvel, em que o carro pode voar e se espatifar diante da multidão, esmagar 50, além de matar o piloto. Porque as praticas arriscadas como automobilismo e alpinismo são aceitas e tudo que envolve sexo é tão massacrado?... Não prego isso pra todo mundo. Mas pra mim não tem a menor importância se as pessoas com quem transo são soropositivas ou soronegativas. O que defendo é o direito de escolha”. (AGUIEIRAS, 2008).

Neste enunciado é possível perceber claramente no discurso elementos que compõem um referencial característico da parrhesia, ou seja, o comprometimento do sujeito que fala com sua conduta; o risco de assumir-se como sujeito de uma prática condenada socialmente e um cenário com uma visibilidade inimaginável- neste caso, a Internet.

Retomando a questão da parrhesia cínica, Foucault (1985) vai aprofundar seus estudos encontrando relações entre as práticas, regras e modos de vida dos cínicos e a parrhesia. De acordo com Saly Wellausen (1996, p.118) “a marca mais profunda do cinismo é ter sido um movimento filosófico, cujo ato de dizer a verdade, está diretamente ligado as práticas de vida”, porém, existe muita dificuldade em se estudar o cinismo pela existência de interpretações ambíguas que vêem os cínicos ora de modo negativo como ignorantes, imprudentes, insolentes e ora de modo positivo como discretos, honestos, educados e austeros.

Parrhesia cínica e barebacking sex: uma relação possível?

Foucault (1985) vai considerar o cinismo como trans-histórico, uma vez que sua categoria histórica atravessa toda a história ocidental deste o pensamento antigo até a modernidade.

Esta trans-historicidade irá percorrer três vias: *escândalo da vida* relacionado ao despojamento de tudo como modo de marcar no corpo “o teatro visível do cuidado de si”; *escândalo da verdade* nas práticas políticas relacionadas à vida como atividade política manifestada como sociedade secreta, organizações militantes, partidos políticos e sindicatos e *escândalo da verdade* na produção de arte, tendo a vida como sendo

“singular, manifestando arte por ela mesma em sua verdade” (Wellausen, 1996, p.120-121).

Além disso, a filosofia cínica irá comportar dois núcleos: o do uso que se faz da fala (franca/áspero/provocadora) e o modo de vida (errante) e para Foucault é isso que vai interessar, ou seja, “a implicação entre um estilo de vida e certa veridicção”, tendo estabelecido a partir desta implicação três grandes funções que associam o modo de vida cínico a parrhesia: a função instrumental, a função de redução e a função de provação (Gros, 2004:162).

Na *função instrumental*, para assumir o risco da parrhesia é necessário que o sujeito não esteja apegado a nada, para permitir a livre expressão da fala, sem receios:

“ (...) penso que ser “barebacker”, além de um ato de rebeldia, é uma forma de cobrar um esforço maior na descoberta de uma cura. Não adianta querer tapar o sol com a peneira. As pessoas fazem sexo sem camisinha, essa é a realidade. Ninguém quer discutir isso e eu que me proponho a discutir isso, sou massacrado.

Depois de 20 anos de sexo seguro as pessoas se cansaram. O discurso do sexo seguro foi tão pesado, tão massacrante em cima das pessoas, que ninguém tem coragem de admitir que não faz porque era crucificado, como é meu caso. O sexo voltou à idade das trevas.

Voltou como era antes da revolução sexual, onde ninguém falava o que sentia suas práticas. “Voltou-se a obscuridade do sexo, tudo em nome do politicamente correto sexo seguro”. (AGUIEIRAS, 2008)

Esta fala de Aguiéiras vai ao encontro da *pregação crítica* em que os *cínicos* dirigiam seus discursos para grandes multidões utilizando-se de temas filosóficos sobre o próprio modo de vida para se tornar popular. Para os cínicos uma das principais formas do dizer verdadeiro está pautada na idéia de que a verdade não deve ser excludente e sim abarcar todos os membros da sociedade.

Uma das críticas de Foucault (1985) em relação à doutrina da *pregação cínica* é que não há uma afirmação direta do bom ou mau, uma vez que os cínicos referem-se à liberdade e a auto-suficiência como critérios para se avaliar os tipos de comportamento ou modos de vida:

“Para os cínicos, a principal condição para a felicidade humana é autarkeia, auto-suficiência e independência, onde o que você ter ou o que você precisa decidir fazer nada depende para além de Vossa Excelência. Dado que em consequência – os cínicos tinham a mais radical das atitudes- eles preferiam um estilo de vida completamente natural. Uma vida natural foi suposta para eliminar todas as dependências introduzidas pela cultura, sociedade, opiniões e assim por diante. Conseqüentemente, a maior parte da sua pregação parece ter sido dirigida contra as instituições sociais, a arbitrariedade das regras do direito, bem como

qualquer tipo de estilo de vida que era dependente de tais instituições ou leis. Em suma, a sua pregação foi contra todas as instituições sociais, na medida em que tais instituições dificultavam a liberdade e a independência”. (FOUCAULT, 1985).

Na *função de redução*, o sujeito deve remover todas as convenções e opiniões sem fundamentos que cerceiam a existência do sujeito. Segundo Wellausen (1996, p.119) para os cínicos, a filosofia deve ser uma estratégia para preparar “os indivíduos para a vida, para que possam enfrentar os acontecimentos e as adversidades”. Focalizando neste contexto a prática barebacking como algo totalmente condenável pela sociedade, Aguiéiras enfatiza:

“Como acompanho a AIDS muito de perto, acho que a doença virou uma doença crônica e não mais fatal. Os coquetéis estão fazendo efeito sim, apesar da paranóia médica que existe em cima. As pessoas estão confiando no tratamento e acham que podem relaxar. Mas é uma verdade: elas podem relaxar mais. Segundo ponto, é mais gostoso sexo sem camisinha. As pessoas falam “não pode”, só que quando você encosta na parede, nunca conheci uma que me dissesse não. A realidade é que as pessoas fazem sexo sem camisinha e não se trata de um fenômeno puramente gay. Colocar o sexo sem camisinha como um fenômeno puramente gay é mais uma forma cruel de preconceito. Por que nós gays temos que carregar mais este rotulo? Na grane maioria dos filmes pornôs heterossexuais o sexo é praticado sem camisinha. Porque a coisa tem que pesar sempre para o nosso lado, como se nos fossemos responsáveis pela conscientização da sociedade. Os gays não são responsáveis por nada. As pessoas homossexuais ou heterossexuais fazem sexo sem camisinha, não adianta tapar o sol com a peneira”. (AGUIEIRAS, 2008).

E finalmente na *função de provação* “a vida deve aparecer na verdade de suas condições fundamentais”, trata-se de expor a verdade da vida de uma forma explosiva, impactante como um escândalo. De acordo com Gros (2004):

“Não se trata de regular a própria vida segundo um discurso e de ter, por exemplo, um comportamento justo defendendo a própria idéia de justiça, mas de tornar diretamente legível no corpo à presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade”. (GROS, 2004, p.163)

Ao ser interpelado sobre os riscos de uma contaminação pelo HIV, Alguieiras acredita que não irá se contaminar, pois foi submetido a um exame que detectou em seu organismo a presença da proteína CCR5, que funciona “como uma espécie de fechadura que bloqueia a entrada do vírus na célula” e para essa proteína surtir efeito precisa ser constantemente estimulada pela presença do vírus, acrescentando:

“No meu caso compensa o risco. Eu tenho 47 anos. Digamos que hoje essa historia de CCR5 fosse tudo furada e eu me contaminasse. A AIDS pode levar de

sete a oito anos para se desenvolver. Ai eu começo a tomar o coquetel. Sendo corretamente tomado e desde que não tenha nenhum tipo de reação contra ela, garante atualmente uma sobrevida de 18 anos. Até lá eu acredito no avanço da ciência e que vão existir coisas muito mais potentes. Eu já estaria com mais de 70 anos. Eu não sou eterno, não sei quanto quero viver”. (AGUIEIRAS, 2008)

Diz ainda:

“É como fumar. Se você tiver uma predisposição, pode pegar câncer, mas você pode também não pegar. Às vezes as pessoas preferem viver o prazer, comer comida gordurosa mesmo tendo colesterol alto, comer chocolate mesmo tendo diabetes ou fazer sexo sem camisinha, sabendo que podem correr risco ou podem não correr. Sempre achei que é neste ponto que pecam as campanhas contra AIDS. Elas nunca levam em conta a paixão”. (AGUIEIRAS, 2008)

E por falar em paixão, retomo agora a pergunta que motivou este breve trabalho: podemos considerar Ricardo Rocha Aguietas um parrhesiasta?

No ensaio “*O diagnóstico e cura das paixões da alma*” Galeno (apud Foucault, 1985) vai além de questionar se alguém é ou não um parrhesiasta, para ele o problema está em responder como é possível reconhecer em verdadeiro parrhesiasta. Ele explica: “para que um homem se livre de suas paixões, ele precisa de um parrhesiasta [...] O amor próprio, é a raiz da auto-ilusão: vemos os defeitos dos outros, mas continuamos cegos para aqueles que nos preocupam” (Foucault, 1985).

Para Gros (2004, p.165) a ética cínica da parrhesia é “a verdade pondo a vida à prova: trata-se de ver até que ponto as verdades suportam ser vividas e de fazer da existência o ponto de manifestação intolerável da verdade”. Desse modo, respondendo a primeira pergunta, acreditamos ser possível considerar Aguietas um parrhesiasta, pois apesar de dizer que seu organismo detém a proteína CCR5, o que implica em correr menos de infecção, ele ousou correr o risco público de assumir publicamente a prática e tocar num assunto tabu. Mas se pensarmos a partir da perspectiva de Galeno, a imunidade orgânica de Aguietas, lhe permite a prática e lhe permite o falar. Mas acreditamos não ser possível considerá-lo um parrhesiasta verdadeiro, pois não é possível saber se Aguietas teria as mesmas práticas caso não tivesse em seu organismo a referida proteína da imunidade.

Referências bibliográficas

AGUIEIRAS, Ricardo Rocha. (2008). Entrevista realizada por Darlan Alvarenga. Disponível em: http://www.farofadigital.com.br/sexologia_bareback.htm. Capturada em 05/06/2008.

FOUCAULT, Michel. Discurso e verdade: a problematização da Parrhesia. Seis palestras dadas por Michel Foucault na Universidade da Califórnia em Berkeley, Out-Nov. 1983. Editado por Joseph Pearson: 1985

FOUCAULT, Michel. *Historia da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993

FOUCAULT, Michel. *A Hermeneutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

GROS, Frédéric. *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

OLTRAMARI, Leandro. “Barebacke: Roleta russa ou ética Sadeana” . Cadernos Interdisciplinar em Ciências Humanas. N. 72 – FPOLIS, JULHO 2005.

SHERNOFF, Michael. *The sociology of bareback*, 2005. Disponível em : <www.gaypsychoterapy.com/GLR.barebacking.htm>. Acessado em 29/09/2007.

TERTO Jr., Veriano (1999). *Polêmica: Questões para um sexo mais seguro*, 1999. Disponível em: <<http://www.pelavidda.org.br/boletim33.html#8>>. Acessado em 12/05/2007.

WELAUSEN, Saly. Michel Foucault: parrhesia e cinismo. *Tempo Social; Revista Sociologia USP*, São Paulo, 8 (1): 113-125, maio, 1996